



Pedagogía del conflicto: Brasil, un país de conflictos velados

Ana Cristina Machado de Oliveira

ADVERTIMENT. La consulta d'aquesta tesi queda condicionada a l'acceptació de les següents condicions d'ús: La difusió d'aquesta tesi per mitjà del servei TDX (www.tdx.cat) ha estat autoritzada pels titulars dels drets de propietat intel·lectual únicament per a usos privats emmarcats en activitats d'investigació i docència. No s'autoritza la seva reproducció amb finalitats de lucre ni la seva difusió i posada a disposició des d'un lloc aliè al servei TDX. No s'autoritza la presentació del seu contingut en una finestra o marc aliè a TDX (framing). Aquesta reserva de drets afecta tant al resum de presentació de la tesi com als seus continguts. En la utilització o cita de parts de la tesi és obligat indicar el nom de la persona autora.

ADVERTENCIA. La consulta de esta tesis queda condicionada a la aceptación de las siguientes condiciones de uso: La difusión de esta tesis por medio del servicio TDR (www.tdx.cat) ha sido autorizada por los titulares de los derechos de propiedad intelectual únicamente para usos privados enmarcados en actividades de investigación y docencia. No se autoriza su reproducción con finalidades de lucro ni su difusión y puesta a disposición desde un sitio ajeno al servicio TDR. No se autoriza la presentación de su contenido en una ventana o marco ajeno a TDR (framing). Esta reserva de derechos afecta tanto al resumen de presentación de la tesis como a sus contenidos. En la utilización o cita de partes de la tesis es obligado indicar el nombre de la persona autora.

WARNING. On having consulted this thesis you're accepting the following use conditions: Spreading this thesis by the TDX (www.tdx.cat) service has been authorized by the titular of the intellectual property rights only for private uses placed in investigation and teaching activities. Reproduction with lucrative aims is not authorized neither its spreading and availability from a site foreign to the TDX service. Introducing its content in a window or frame foreign to the TDX service is not authorized (framing). This rights affect to the presentation summary of the thesis as well as to its contents. In the using or citation of parts of the thesis it's obliged to indicate the name of the author.

UNIVERSIDAD DE BARCELONA
FACULTAD DE PEDAGOGÍA - DEPARTAMENTO DE TEORÍA E
HISTORIA DE LA EDUCACIÓN

Doctorado en Educación y Democracia

BIENIO
2006-2008

PEDAGOGÍA DEL CONFLICTO:
Brasil, un país de conflictos velados

Ana Cristina Machado de Oliveira

Dirección: Conrad Vilanou Torrano

Barcelona, España
2012

CAPÍTULO I

POSITIVANDO O CONFLITO

A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantém separados (Confúcio).

Acreditamos que o elemento primordial da vida é o próprio viver. Através de o reto agir, é possível buscar o entendimento de como nos relacionar com outros indivíduos e conosco mesmo. Nem sempre encontramos a medida certa a essa busca ou, até mesmo, o que nos parece ser certo não está de outro ângulo. Isso, muitas vezes, gera em nós conflitos de diversas formas, maneiras, sentidos. Tais conflitos podem ser internos ou externos, atingir somente um indivíduo, um grupo de indivíduos, grupos diversos em diversos lugares e situações.

Na história da humanidade, na sua constituição social, econômica e política os conflitos sempre estiveram presentes. E, cada momento, cada medida desta história tem sua própria vida em homens e mulheres que a construíram, e continuam a construí-la. Ou seja, de forma consciente ou não, conflitos sempre existiram, seja para saber *quem sou, o que estou fazendo aqui* ou para entender sobre aquilo *que possa ser ou não meu*. Então, é importante que venhamos a nos debruçar sobre acontecimentos conflituosos na perspectiva de nossos pensamentos, nossas emoções, nossos valores e ações na busca por compreender um atrito que possa unir duas partes opostas e que possa conceber o conflito como um aprendizado embasado no reto agir, na possibilidade de sua positividade, sua capacidade de educar: ser um ato educativo. Até porque não podemos esquecer que:

As atitudes que tomamos diante de conflitos são um reflexo de nossas crenças, nossos valores e expectativas. São resultado de processos mentais nos quais a razão e a emoção estão estreitamente vinculadas e, ainda que à primeira vista possam parecer simples, são extremamente complexos (SASTRE VILARRASA, 2002, p. 202.).

Consequentemente, para que o ato educativo se estabeleça em uma situação de conflito é importante que venhamos a não nos alimentar com uma visão superficial sobre a questão conflitiva em voga. À educação, neste sentido, cabe dar espaço para que os nela envolvidos possam perceber que visões distintas sobre um mesmo foco existem e que não é preciso, para superá-las, falta de ombridade e entendimento na compreensão de que está sendo validada *outra* posição e forma de encarar determinado fato.

Neste sentido, abordaremos no presente capítulo, e de maneira profunda, sobre o conflito na perspectiva de filósofos, educadores e pedagogos que refletiram sobre o tema ao processo educativo. É quando pretendemos, também, situar o leitor acerca do conflito e suas variadas interpretações, além da forma pela qual é apreendido neste estudo. Faz uma diferenciação entre agressão e violência, ações confundidas com o conflito em si, e busca uma compreensão profunda sobre a composição do conflito através da fenomenologia que, por meio da análise em três pilares pedagógicos que se entrelaçam, autonomia, alteridade e liberdade, dimensiona o próprio ato conflitivo em ato positivado com vistas em uma Pedagogia do Conflito.

1.1 CONFLITO: diversos olhares

A maneira pela qual a história da humanidade, seus povos e modo de ser e viver foram refletidas e analisadas por grandes pensadores a exemplo de Confúcio, Platão, Marco Pólo, Ibn Khaldun, D'Holbach, Montaigne, Giordano Bruno dentre tantos outros e *servem para mostrar que as diferenças de comportamento entre os homens não podem ser explicadas através das diversidades somatológicas ou mesológicas* (LARAIA, 2007, p. 16). Isso porque o comportamento dos indivíduos depende do aprendizado que adquire com seu grupo social de origem, pois, com o passar do tempo, vai se identificando com outros grupos e constituindo sua própria forma de ser, ver e agir na vida.

Deste modo, valores, moral e ética vão sendo construídos e podem determinar as condutas dos grupos em sociedade, onde é preciso que os indivíduos assumam um pacto de convivência de uns com os outros e que é delimitado por normas e regras pré-estabelecidas em cada sociedade. Ou seja,

Se procuro satisfazer meus desejos sem respeitar outras pessoas e suas realidades, minha vontade entra em conflito com a delas, e acabamos lutando para fazer o outro ceder. Se eu, contudo, permitir que um outro desejo – o desejo de viver em harmonia com o mundo e, acima de tudo, em bons termos com os seres humanos com quem convivo – perdure dentro de mim, então encontrarei a energia para tentar construir com os outros um relacionamento baseado em reconhecimento mútuo (MULLER, 2006, p. 25).

Isso significa que, se estou aberto e em equilíbrio com o mundo e os movimentos que fazem girar o entorno de mim posso aceitar ao campo de aceitação que existe um *outro* depois, ou antes, de mim mesmo e que procura viver tanto quanto eu. Dessa maneira, juntos, podem alcançar o entendimento que situações de conflito, quando positivadas, são geradoras de bem estar, busca de paz.

Aqui, nos aproximamos de Leonardo Boff quando coloca que *estamos entrando numa nova fase do processo de homonização, num novo patamar da consciência e numa nova era para o Planeta Terra* (2003, p.11). Isso porque, para o espiritualista, há uma concordância, em meio àqueles que analisam a sociedade, de que nos encontramos em um amplo processo de mutação cultural e civilizacional.

Encontramos esse ponto de vista em Darcy Ribeiro¹ que, na obra “O processo civilizatório” (1968), aponta que as sociedades humanas, no curso de longos períodos, experimenta dois processos simultâneos e mutuamente

¹ Antropólogo brasileiro que elaborou esta obra notável que trata da evolução da humanidade nos últimos 10 mil anos. O autor classifica as sociedades humanas de acordo com o grau de eficácia no domínio da natureza, de forma a absorver sete saltos tecnológicos: Revoluções Agrícola, Urbana, Do Regadio, Metalúrgica, Pastoril, Mercantil e Industrial que desencadearam em 12 processos civilizatórios e 18 formações sociais. Mais informações ver Darcy Ribeiro. **O processo civilizatório**: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

complementares de autotransformação: a diversificação e a homogeneização das culturas.

Para Boff, Darcy analisa que as *mutações civilizacionais começam a se apresentar pela introdução de novas tecnologias na dialogização das sociedades com o mundo e entre os vários atores da sociedade* (BOFF, 2003, p. 12). De acordo com o autor, estamos vivendo num acelerado processo de mutação tecnológica que já se iniciou² e que introduz um novo alfabeto, o da informática.

É quando a sociedade informatizada, de um lado, cede lugar à falta de empregos em importantes setores da indústria, da agricultura e dos serviços provocando um total mal estar nos indivíduos. Assim, a procura pelo *ter* e pela própria sobrevivência cotidiana repercute diretamente sobre ela e a busca pela evidência e aparência sociais gera, muitas vezes, conflitos individuais e coletivos no próprio seio dessa sociedade acarretando, de acordo com Maria Rosa Buxarrais (2006, p. 202), *viver en un momento histórico donde existe una tendencia exarcebada al individualismo, a interesarnos por nosotros mismos. Preocuparse por los demás, si no es por los nuestros, constituye una rareza humana*. Isso porque, infelizmente, ainda atravessamos um período em que o não percebemos humano está maior que a sua possibilidade de perceber outros indivíduos como aqueles que podem estar e ser junto de si com crescimento mútuo para todos.

No entanto, é preciso que tenhamos imbuído em nós o senso de que o caminhante faz o seu caminho e que esse trajeto somente ganha forma e alma à medida que é construído com seu próprio caminhar e durante ele. É quando podemos assimilar que,

Nessa caminhada, precisamos de abertura, flexibilidade, subjetividade e afetividade, além de diferentes saberes (...); o diálogo

² Desde o neolítico, o homem já fazia uso de ferramentas de caça e pesca. A Ciência investigou a massa e a energia, a informação está presente na natureza e estamos no auge da sociedade da informação e automação. E estas revoluções modificaram a Terra para o bem e para o mal. (DIAS, 2000; BOFF, 2003b).

com outros saberes e sabores para o encontro de alguma verdade sobre a complexidade no mundo das organizações no qual tentamos adentrar e compreender (HOYOS GUEVARA, 2007, p.14).

Esse caminhar é necessário para a busca intensa e incessante pelo conhecimento e entendimento dos processos que envolvem a sociedade. Uma sociedade, muitas vezes, conflituosa, a-crítica, não solidária e que não consegue olhar a si mesma.

E, em se tratando do olhar a si, possivelmente em conflito, é importante nos lembrar que, ao nascer, o indivíduo enfrenta um conflito típico do seu ciclo de vida: ao sair de uma situação de conforto e segurança se depara com outra diferente a que estava. Começa, então, um estado não vivenciado e que necessita ser entendido e assimilado para que sua evolução continue. A partir de então, o conflito, inerente à vida humana, acontece e estará com esse indivíduo em toda a sua existência.

Nessa existência,

As relações humanas são intrinsecamente conflitivas: nós, seres humanos, nos chocamos, nos topamos uns com os outros. Desse choque pode surgir a anulação das outras e outros ou a transformação criadora entre as próprias tensões dos conflitos (GUZMÁN, 2003, p. 249)

Isso porque, como nos acentua D'Ambrósio, *as diferenças e, conseqüentemente, as divergências e conflitos, são parte da diversidade que caracteriza todas as espécies, e são, portanto, intrínsecas ao fenômeno vida* (2000, s/p). Então, a soma das diferenças, divergências e conflitos resulta na continuidade do humano enquanto situações próprias do homem que, bem assimiladas, levam a uma posição de respeito e aceitação de *outro* ser humano. No entanto, a ganância, a inveja, a arrogância, a intolerância, a impaciência estão levando tais situações a estados de agressividade e violência engendrados em vários setores da sociedade.

Isso sugere uma educação democrática que leva a superação de desacordos pessoais ou grupais da sociedade. Assim, há a possibilidade de apreender, intersubjetivamente, as situações em voga de forma, então, positivada. O resultado desta ação é receber o conflito em uma convivência harmônica acerca desta sem recorrer a nenhuma forma de agressão ou violência.

No entanto, etimologicamente, conflito refere-se a chocar, empurrar, bater, lutar. Está diretamente ligado a oposição, ao desacordo. E, na maioria das vezes, é visto como algo negativo, sem possibilidades de entendimento a uma perspectiva de paz. Em muitos dicionários brasileiros encontra-se a definição de conflito enquanto algo injurioso que provoca brigas e discussões, que está relacionado à guerra e ao combate; a desavença e à discórdia (ROCHA,2001; FERREIRA, 2001; AURÉLIO SÉCULO XXI).

Todavia, superar tais conceitos supõe encontrar elementos que possam propiciar às situações conflituosas como um todo,

Condições de crescimento e transformação sempre que, por intermédio da flexibilização do desejo, atinge-se a noção de alteridade. Isso significa que diante do reconhecimento da existência de Outro que sente, pensa, deseja e sofre, tal como Eu mas diferente de mim, esse eu pode sentir-se apaziguado a ponto de rever suas posições, praticar possíveis reparações e negociar acordos (MUSZKAT, 2005, p. 29-30).

Esse seria o ponto chave para se estabelecer o conflito enquanto um juízo de valor, onde a busca pela igualdade e pela liberdade de *ser* numa sociedade realmente democrática possa levar as pessoas a dialogar posições e contradições de maneira positivada e em benefício a todos. Esse diálogo permite que as pessoas não se percebam como inimigas dentro de um conflito, mas, sim, em oposições, onde pode levar compreensão ou respeito entre os diferentes. Ou seja, num processo conflitivo, a abertura e a flexibilidade podem ser a base para que a situação em questão se torne um bem comum, em que divergir não significa agredir.

Isso porque, numa visão positivada de conflito em que ele constrói, os indivíduos têm a oportunidade de compreender, aceitar e buscar o entendimento para suas questões com serenidade e bom senso, pois *encarar a realidade do conflito como algo natural e, a partir daí, considerá-lo como um fato educativo, como uma oportunidade de aprender* (JARES, 2001, p. 33) significa, neste estudo, que a visão global das pessoas e do sistema que gira ao redor da própria sociedade seja um instrumento de trabalho para o conflito enquanto ato educativo, pois:

Os processos de mudança, a injustiça social, os sistemas sociais violentos e muitos competitivos, a falta de liberdade, a ausência de comunicação ou as deficiências que nela se produzem, as situações de desastre e de crise aguda, e a desorganização podem gerar processos conflituais (VINYAMATA, 2005, p. 13).

Para Jares, (2002a, p. 43) conflito é *um tipo de situação em que as pessoas, ou grupos, buscam ou idealizam metas opostas, afirmam valores antagônicos ou têm interesses divergentes*. Segundo o autor, trata-se de um acontecimento incompatível entre estas e que pode estar atrelado a diversas questões *através de um processo natural, necessário e potencialmente positivo para as pessoas e grupos sociais* (JARES, 2002a, p. 34). É quando, esta nova perspectiva de situações conflituosas, pode levar o indivíduo a incluir em si que é importante mostrar seus sentimentos e compreensão de determinado fato a fim de defendê-lo em sua razão e com sentidos voltados a entender que o *outro* também tem o direito de defender a sua, estabelecendo-se, assim, a noção de ato educativo.

Isso quer dizer que, a partir do momento que existe um *outro*, existe conflito e sua necessidade deve ser encarada como um valor a ser estruturado de forma positivada na sociedade, onde oposições sejam capazes de originar diálogo e comunicação entre indivíduos envolvidos em determinada situação, conforme acentua Jares, de forma a estabelecer convivência, respeito e tolerância.

Assim, no momento que um indivíduo, estando num grupo ou não, cria consciência sobre um determinado fato e luta por ele diante de outros

indivíduos, significa dizer que alcançou o poder de se manifestar no mundo, de acreditar em suas convicções e idealizações. Isso não quer dizer que sua palavra e ideal tenham que, necessariamente, ser acatadas. Elas podem ser assimiladas, compreendidas, apreendidas ou nenhuma destas.

Nesse contexto, *cuando un individuo aparece ante otros, proyecta consciente o inconscientemente una definición de la situación, en la cual lo que de sí mismo emana es una parte esencial* (ASENSIO et al, 2006, p. 98). Assim sendo, o conflito enquanto ato educativo está para somar atitudes e posições positivadas na situação conflitiva em voga se edificando de maneira clara e sensata.

É quando podemos *vislumbrar um significado positivo para o conflito. O conflito como um indicativo da interdependência das relações humanas pode ser positivo, inclusive criativo* (GUZMÁN, 2003, p. 249). O importante, então, é analisar o conflito em toda a sua amplitude e buscar o compromisso ético no despertar o interesse em compartilhar cada razão em seu tempo e espaço. Ou seja, é partir do que possui os indivíduos na situação em que se encontra e ir avançando, construindo positivamente aquilo que ainda não possuem de forma objetiva e honesta para si e para outros.

Talvez esse seja o ponto mais melindroso deste estudo, pois, entendido também, *como um conjunto de propósitos, métodos ou condutas divergentes, que acabam por acarretar um choque de posições antagônicas, em um momento de divergências entre pessoas* (SAMPAIO, 2007, p. 31), conduz ao entendimento de negação da situação em voga, ou seja, o lado negativado do conflito. Não compreendê-lo enquanto algo que possa gerar entendimento, harmonia e mudança de atitudes nos envolvidos no processo é não abrir espaço para que essa mudança ocorra e provoque uma transformação na situação conflitante podendo, diante da clarificação dos fatos, estarem ao lado do acontecimento em questão de forma positiva.

Como já refletimos o conflito sempre existiu. Nas sociedades humanas, as divergências, as oposições, os antagônicos sempre estiveram juntos e

buscaram, através de diferentes lutas, o vencedor. Segundo Aranha (2006), conflitos de interesses no decorrer da história humana são bem visíveis nas reflexões teóricas que a própria história da educação nos mostra: o conflito entre senhor e escravo (na Antiguidade), senhor feudal e servo (na Idade Média) capitalista e proletário (a partir da modernidade).

Deste ponto de vista, é Vinyamata que nos mostra que os conflitos não se fundamentam no debate de critérios, interesses, formas culturais ou nacionais; estão na convivência e

Em origens diversas relacionadas com a nossa maneira de compreender a vida e o mundo, com a nossa saúde, com as formas organizativas que adotamos, com erros que cometemos e aos quais não conseguimos dar uma solução (VINYAMATA, 2005, p. 21-22).

Podemos associar tais origens às crises da primeira infância, da adolescência, do processo profissional, da capacidade física alterada ou perdida, da proximidade da velhice, dentre outros conflitos que permeiam nossa existência e que podem atingir, se não bem elaborados em nós, nossas ações e atitudes. A esses somados, estão conflitos gerados por ordem econômica e política que podem, também, nos atingir direta ou indiretamente e que se não bem conduzidos nos levam a falta de serenidade e compreensão sobre suas repercussões em nossas vidas.

Talvez porque, em situações de conflito, os indivíduos venham a sentir incômodo; medo, angústia, dor interna, perda, desconfiança, descrença em algo ou alguém, tristeza, incapacidade, infelicidade. Sentimentos que não oportuniza o abrir espaço para que uma energia de entrosamento com *outros* indivíduos aconteça de maneira positiva diante da situação de conflito em voga. Isso porque, talvez, o conflito exija dos envolvidos uma postura direta, firme, segura e que muitos não possuem em si. Precisam ser trabalhados, orientados para que tomem posturas diferentes das que os acomodam. Ver o conflito como algo construtivo, se traduz na oportunidade que o indivíduo tem de transcender, reconhecer e validar o seu lado bom.

No entanto, o conflito, muitas vezes, produz na fala de Rodgers, que é citado por Vinyamata (2006, pág. 127),

Um nó no estômago e a lenta onda invasora do desespero. O conflito fala em primeira pessoa sobre um fracasso na comunicação. Um fracasso ao ver o outro também como legítimo, como alguém que também tem um direito.

E aí se encontra, implícita, a nossa proposta de o conflito educar, ser uma oportunidade de abertura aos indivíduos em olhar um *outro* indivíduo de forma a reconhecer sua legitimidade. O nó no estômago, o desespero, o fracasso, o deparar-se com o direito do outro são sentimentos que não nutre paz interna tão pouco externa. Não interioriza a aceitação de uma situação que não se volta ao que se quer e deseja. Ao contrário, faz perceber que o desejo pode não ser atendido. Faz com que o ego procure respaldo, muitas vezes, na força, na ignorância, na morosidade com *outros* diferentes.

Significa dizer que o conflito negativado trás, em si, incompreensão. Para Mahatma Gandhi,

As divergências de opinião devem significar hostilidade (...). Não conheço duas pessoas no mundo que não tenham tido divergências de opinião. Como seguidor do Gita (Bhagavad Gita³), sempre procurei nutrir pelos que discordam de mim o mesmo afeto que nutro pelos que me são mais queridos e vizinhos.

O ético presente nas atitudes e ações do Mestre são exemplos de amor à humanidade. E é, também, em Francisco de Assis, incansável caminhante do amor e da paz, que encontramos uma ética profunda para com o ser humano e a natureza quando se coloca ao mundo aberto, límpido, cheio de amor e vontade de cuidar do seu próximo, ou melhor, do seu irmão e da natureza que nos acolhe. De acordo com Boff (2003), o franciscano, ante as guerras entre os burgos intenta o *legatio pacis*, movimento da paz que leva a reconciliação das partes envolvidas, de modo a proibir seus companheiros o uso de armas, dinheiro e títulos, que são, para o Mestre, fontes de conflitos.

³ O **Bhagavad Gita** é um poema inserido no livro dos Vedas; é o menor livro e tem 18 capítulos que trata da epopéia Mahabharata. Fala sobre a evolução do homem integral através da luta de Arjuna (ego humano) sobre si mesmo e seu diálogo com Krishna (Deus).

Muitas são as fontes e formas de conflitos, como já mencionamos. E o indivíduo que compreende e reflete sobre a situação de conflito ele irá desenvolver, em si, segundo Vinyamata (2005, p. 127), os seguintes pontos:

- O conteúdo de uma informação oculta muito valiosa para progredir.
- Poder observar o que há no núcleo que pode ajudar a mudar a informação das situações e das pessoas ou coisas e proporcionar o crescimento.
- O que tenho de mudar e ajustar em minha informação.
- A responsabilidade das ações.
- O respeito como aliado no confronto (neste estudo, situação de conflito).
- Aprender a descentrar, a separar, junto com a vivência do valor da compaixão.

Estas colocações levam a reflexão sobre a importância de discernirmos em nós a positividade do conflito, dele ser um ato que educa de maneira positiva diante de uma situação específica e que pode desenvolver, intersubjetivamente, a capacidade que temos de viver com serenidade, controle emocional e satisfação com o resultado obtido no ato educativo conflitivo. Tal postura deve ter atenção e entrosamento entre os indivíduos. Significa bem combater as dificuldades, as convivências não caras, as crises, as incoerências, as insatisfações. Significa, então, educar-se para a Vida em suas mais variadas condições, para nós mesmos, para os outros, para o meio em que vivemos.

A partir do momento que me coloco aberto a conceber o conflito como um fato que pode ser construtivo, estou a disposição da tolerância, da convivência, da justiça, da igualdade, da fraternidade, do amor, da paz para que não sejam letras mortas e, ao contrário, sejam atos, atitudes, ações rodeadas de beleza e verdade em uma concreta tarefa humana.

É quando Jares traduz dois aspectos ao se considerar a educação do conflito como componente da educação para a paz (EP):

- (a) os que consideram a educação para o conflito e sua resolução como um objetivo fundamentalmente instrumental, desligado de qualquer referência axiológica e destinado a favorecer o bom funcionamento do grupo-classe e de grupos e relações

interpessoais em geral [...]; (b) os que nos referimos à educação para o conflito como um compromisso da EP, mas outorgando-lhe um caráter preferencial, como “especificidade” principal da EP (JARES, 2002a, p. 186).

A consideração do autor reforça a proposta deste trabalho ao ligar-se, diretamente, a uma educação para a paz. Pois, falar do conflito que constrói, edifica atitudes que tendem a olhar a positividade do conflito significa colocar os diferentes interesses e necessidades das pessoas ou grupos num mesmo horizonte, onde ambos se entendam, se respeitem e tendam a buscar o bem comum, constituído saudavelmente no seio da sociedade, uma vez que faz parte da constituição humana. E, enquanto força motivadora de sua possibilidade otimizante, tratá-lo como um valor a ser considerado nesta mesma sociedade, onde Buda, Platão, Jesus, Joana D’Arc, Francisco de Assis, Einstein, Gandhi, Martin Luther King, Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce e tantos outros mensageiros do amor, da paz e da harmonia entre os homens se fez, e faz, luta até hoje.

A educação para a paz conduz os indivíduos ao entendimento de valores como dignidade, respeito, tolerância e igualdade, de forma a construir e constituir nestes a aptidão para viver em harmonia com outros indivíduos no próprio seio da sociedade e, em consequência, na sua individualidade. Neste sentido, haverá uma maior busca de aceitação às diversidades culturais que resultará no aprendizado com *outros* e por outros indivíduos.

Contudo, não podemos mudar o mundo; mudar a atual concepção que o mundo nos mostra, pois

Mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. Mudar o mundo depende de todos nós: é preciso que cada um tome consciência e se organize em coletivos, redes e multidões. Educar para outros mundos possíveis é educar para superar a lógica desumanizadora do capital que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos, é educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual (GADOTTI, 2009, p. 31).

Percebemos na fala do educador que a educação está diretamente ligada ao político, ao social, ao entendimento que o indivíduo deve ter - e saber - sobre o

todo que acontece na sociedade. Percebemos a busca que se faz importante com nossa consciência sobre nos educar para um outro mundo possível; simplesmente acessível a todos em saúde, emprego, cultura, educação, paz; uma educação para a paz!

Elaborada no seio da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, a proposta de uma educação para a paz, divulgada em 1999, indicou o ano de 2000 como o “Ano Internacional para uma Cultura de Paz” e o período de 2001-2010 a “Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não violência para as crianças no Mundo”. A proposta se volta à percepção de uma cidadania global onde é possível encontrar soluções para questões que possam afetar direta ou indiretamente a própria humanidade, definindo-a como um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida à ela associados. É quando o diálogo, a colaboração, a compreensão, a abertura de posições adentrando as nações, ou entre grupos, pode dar início a proposta que dimensiona positividade entre os povos e Nações.

O conflito, nesta postura, pode ser superado de maneira a preservar a paz e a união entre homens na sociedade. Em consequência, a articulação de práticas educativas que ampliem o sentimento de acolhimento para com *outro* indivíduo em uma situação conflituosa abre espaço para que a pluralidade de ideias e culturas se estenda à diversidade étnica, racial, de gênero, sexual e religiosa.

Neste sentido, cabe à educação em suas mais variadas dimensões, trabalhar os níveis de desenvolvimento pessoal, social, político e cognitivo dos indivíduos na perspectiva do desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva acerca da dignidade humana. Assim, a educação para a paz há de resultar em um processo sistêmico e multidimensional de forma a orientar a compreensão e apreensão do indivíduo sobre seu estado de direito e dever em ser ativo e participativo sobre estas questões.

A Carta de Porto Alegre pela Educação Pública para Todos⁴ nos lembra que:

Quaisquer que sejam suas crenças, modos de viver, gostos, sentimentos, diferenças em termos de necessidades educativas especiais, o ser humano é sempre um sujeito de direitos. A educação, condição necessária para o diálogo e a PAZ, tem um papel importante nessa luta, na medida em que os tão diversos e sempre coletivos espaços, nos quais ela se dá, são lugares de discussão, vivência e convivência.

O papel da educação diante dos preceitos da paz, é o de educar para um outro mundo possível em que o ser humano eduque sua capacidade de perceber o *outro* como aquele igual a si em direitos e deveres e que habita o mesmo espaço comum dentro de uma sociedade com respeito e compreensão àquele que divide esse lugar comum com um *outro* indivíduo que pensa, age ou sente e que é diferente, ocupa o lugar do desentendimento e da não aceitação dessa ideia. À educação, nesse sentido, cabe proporcionar aos indivíduos a possibilidade de mudar seu modo de discutir, viver e conviver entre si e, dentro de uma circunstância conflituosa, recebê-la com serenidade e coerência.

Nesse contexto, viver em paz significa, acima de tudo, elencar um grupo de valores, sentimentos, emoções e atitudes que resultem em uma mudança significativa de percepção sobre outro indivíduo e suas questões que, unidas, podem resultar em positividade. Significa a transformação ética e cultural de ambas as partes em que a capacidade de compreensão resulta num importante voltar-se para dentro de si e sentir a beleza, a tranquilidade de viver em paz.

Então, podemos fazer alusão ao diálogo, imaginário, travado entre Deus e Adão, em *Discurso sobre a dignidade do homem*, de Giovanni Pico della Mirandola, em que Deus fala:

Não te demos, Adão, nem uma morada fixa, nem uma forma exclusiva, nem uma função peculiar, exclusivamente tua, para que tu

⁴ Carta elaborada nos princípios de uma educação pública para todos e divulgada no Fórum Mundial de Educação ocorrido na cidade Porto Alegre, RS, em 2001. Disponível na Revista Diálogo Educacional - v. 2 - n.4 - p.169-172 - jul./dez. 2001.

possas escolher a morada, a forma e a função que quiseres. De acordo com tua própria vontade livre e sem estares cercado por limites previamente estabelecidos, definirás tu mesmo as tuas limitações naturais. Terás o poder de degenerar e resvalar para formas de vida inferiores, bestiais; mas também terás o poder – derivado do discernimento de que é capaz a tua alma – de renascer, e de se elevar às formas mais altas da vida, formas divinas.

Tal “diálogo” é a oportunidade do homem buscar a liberdade e o crescimento em seu próprio universo vivido a cada momento, em que a abertura do conhecer a si mesmo traduzem para si a autonomia subjetiva em *estar* no mundo. É possuidor, portanto, de um canal que nenhum outro ser vivo possui: a capacidade de racionalizar sobre o que lhe acomete e viver através do seu livre arbítrio que o leva a ter consciência daquilo que pode ou não fazer, lhe possibilita decidir sobre suas ações para si mesmo e para o *outro*.

Com sentidos voltados a esse ponto, vemos na empatia⁵ a possibilidade de se estabelecer o respeito e a cooperação entre seres que conseguem visualizar situações que lhe podem ser caras. Consequentemente, gera uma convivência de cooperação e tolerância nos e entre indivíduos através de uma coerência individual, verdadeira para com a situação em voga, para com o outro, para consigo. Que, em outra circunstância ou entendimento, poderia resultar em situações que poderiam permear certo grau de violência ou agressividade em uma determinada situação conflituosa.

A convivência, ou melhor, o aprender a conviver, se torna, então, necessário à concepção de um projeto que visa o conflito enquanto ato educativo tendo em vista, sem menor importância, o atual modelo social vigente que não coaduna com uma vida simples e de bem estar comum. Ao contrário, procura levar os indivíduos a um estado de pertença àquilo que não possui e quer ter, nesse sentido, acaba por dar valor àquilo que não está ao seu alcance e, muitas vezes, se esquece dos valores essenciais ao convívio de uns com os outros. A resposta a esse movimento pode estar em atos e atitudes agressivas e violentas que podem ser, erroneamente, entendidas como conflito.

⁵ Dimensões como empatia, aceitação incondicional, respeito e coerência foram identificadas por Carl Rogers, em 1967.

1.2 CONFLITO E NATUREZA HUMANA

Falar sobre a natureza humana é seguir por um caminho já trilhado por muitos pensadores, filósofos, homens da ciência que criam, recriam, estudam e analisam a respeito das condições do homem de *ser* e *estar* no mundo. De sua formação, de seus aprendizados, de seus conflitos enquanto Homem num Universo tão imenso, tão longe e ao mesmo tempo tão perto quando consegue olhar para dentro de si mesmo e procurar por Sabedoria.

Somos duais. Portanto, tudo o que existe faz parte do ser humano. Temos em nós as possibilidades de sermos “bons” ou “ruins”. Ao nascer, trazemos um código ético que está gravado em nosso caráter e a maneira pela qual vamos desenvolvendo esse código depende de nossa criação e nossa formação. Contudo, os fatores modeladores da sociedade, do ambiente ao qual estamos inseridos podem contribuir para que uma possibilidade se manifeste mais que outra e, aí, está a contribuição do nosso caráter. Temos, então, o poder de escolha sobre qual caminho queremos seguir na busca pela Sabedoria.

Escolhemos se queremos ter atitudes positivas ou negativas; se queremos pagar para adquirir algum bem material pelo nosso esforço pessoal ou se preferimos por ele roubar; escolhemos se vamos ter atitudes violentas ou agressivas ou se vamos dominar nosso instinto e agir de maneira sensata e em paz diante das adversidades. É por isso que a natureza humana, em si, não se edifica como “isto” ou “aquilo”. Dentro das diversidades existentes em nossa caminhada, escolher não é fácil. Nos leva ao amadurecimento de nossas ações e entendimento sobre elas.

Marilena Chauí, filósofa brasileira, reforça nosso juízo ao dizer que *a idéia de natureza humana como algo universal, intemporal e existente em si e por si mesma não se sustenta. Por quê? Porque os seres humanos são culturais ou históricos, [...] tudo o que é natural é necessário, ou seja, acontece sempre necessariamente, uma vez que o natural é o que não depende de uma intervenção ou de uma decisão dos seres humanos* (CHAUI, 2008, p. 243-244). Está, simplesmente, imbuída em cada indivíduo de maneira consciente ou não

em suas ações, perspectivas e entendimento daquilo que está ao seu redor. Nesse natural, é o instinto que se manifesta.

Temos caráter nato. Somos educados para compreender o que é “bom” ou “ruim” em nossas ações e, em consequência, na sociedade. Nem todos os indivíduos têm as mesmas chances de chegar a uma educação que os levem a tal medida, seja doméstica ou formal. É por isso que se luta por uma educação de qualidade, por um quadro escolar, educacional e pedagógico bem estruturado física e materialmente. Temos em nós padrões e hábitos difíceis de serem mudados. Aí entra a educação para conduzi-los quando está fora da linha social e cultural em que se vive ao ultrapassar os limites pré-estabelecidos de convivência mútua.

Naturalmente, então, o conflito está presente em nós. Como já discorremos, ele está presente desde que nascemos ao encontramos um ambiente totalmente novo quando saímos da primeira “casa” que conhecemos. O conflito é próprio do ser humano, contudo, é preciso que seja compreendido, assimilado e educado; ser entendido como positivado e não como agregador de violência ou agressão que, próprias ou não do ser humano, a depender do tipo de pensamento filosófico, psicológico ou biológico em questão, são sempre analisadas.

Deste ponto de vista, pensadores da Pedagogia e da Psicologia humanistas, perpassados pelas ideias de Rousseau, acreditam que o ser humano não é dotado de violência e que, a mesma, é aprendida e assimilada pela e na sociedade. Acreditam no ser humano e em suas capacidades positivadas e criticam a sociedade que corrompe seu estado natural. Rousseau (2006b), defende que o homem possui em sua natureza dois estados: um que o leva a autoconservação e que, reconhece a busca pelo seu bem-estar; outro que rejeita a morte e o sofrimento seu e dos seus. Comportar-se desta forma, segundo Rousseau (2006a), demonstra que o homem é vontade, razão, consciência, sentimento não somente necessidade e paixão. No entanto, é corrompido pela civilização, que é alienante e persegue pretensos interesses através de uma política que corrompe em vez de agir ao bem comum, aos

outros homens como artesãos, lavradores, povos selvagens e cidadãos antigos.

Não pretendemos, neste estudo, adentrarmos profundamente neste ponto. Nosso propósito é mostrar as diferentes concepções acerca da temática, o que proporciona maior entendimento na edificação de o conflito ser um ato educativo e que, de uma maneira ou outra, está em nosso caminhar. Disso, soa importante frisar que o ser humano não pode viver isolado dos demais seres, situações, fatos ou acontecimentos que permeiam a sociedade sejam eles agressivos, violentos ou nenhum destes. Tão pouco daquilo que está latente em si mesmo, como seu caráter.

Os avanços científicos e tecnológicos de hoje, a própria história e a antropologia mostram que o homem não pode viver isolado da sociedade, ele precisa do convívio com outros homens para a sua socialização e a socialização dos grupos. É desta maneira que a história e a cultura vão caracterizando a sociedade e, em consequência, o homem. Mas, o homem, muitas vezes, não acredita que possa ser chamado a trocar ideias, a ouvir e a dialogar com outros homens sobre aquilo que almeja, pensa. Seja um juízo de valor, uma posição ou algo concreto. As indiferenças intelectuais, políticas, sociais ou ideológicas o levam a agir por si mesmo esquecendo-se do *outro*.

Contudo, uma situação de conflito, então entendida como construtiva e que demanda positividade, pode levar o indivíduo a transformar-se para o bem comum ao reconsiderar possíveis posições por ele estabelecidas no seio do próprio conflito. O resultado é a possível mudança de atitudes que leva ao lado edificante de um oportuno conflito em questão uma vez que *o conflito é um fenômeno dinâmico, dialético [...] percorre determinado itinerário com subidas e descidas de intensidade, com seus momentos de inflexão* (JARES, 2002a, p. 43), que oscila e necessita ser avaliado processualmente o que resulta em um ato, um ato que pode ser educativo.

Mas é em Muller que encontramos um ponto importante no que tange o conflito ser próprio da natureza humana. Para o autor,

O conflito pode ser parte da natureza humana, entretanto somente até o momento em que seja transformado pelos seres humanos. [...] Ele é o meio mais primitivo de nos relacionarmos com os outros, não o meio primordial em que permanece a fim de ser conquistado, superado e transformado (MULLER, 2006, p. 27).

Ou seja, é nele que os indivíduos começam a gerar faíscas que, bem conduzidas, podem levar ao crescimento sobre as atitudes pensadas e sobre as ações constituídas no ato educativo. É no atrito que crescemos, que identificamos possibilidades de juízos de valor, de moral ao crescimento individual, dual e coletivo. É nele que temos a oportunidade de verificarmos nossas ações, de irmos ao mais profundo em nós e olharmos de frente nosso próprio pensamento e nos propor mudanças significativas que respondam ao outro.

No entanto, em estados de excesso, se os indivíduos em sociedade perdem o autocontrole sobre suas atitudes podem responder a isso com agressividade ou violência. Neste sentido, pensar o conflito enquanto ato educativo significa dizer que dele se pode apropriar de situações extremas ou em vias de estar para o entendimento comum. É a transformação da situação em questão como algo construtivo no sentido de que ambas as partes se entendam, se harmonizem e edifiquem suas questões de uns para com os *outros*, para diferentes situações. Até porque, muitas podem ser as origens do conflito: injustiça social, miséria, interesses econômicos, questões de poder, desequilíbrios psicológicos, desorientação, problemas e erros de comunicação, valores, concepções filosóficas, processos biológicos, doenças físicas ou mentais; ou seja: não existe um único tipo tão pouca uma única origem de conflito, pois:

A não satisfação das necessidades básicas ou dos desejos pode dar origem a atitudes de rebelião, de revolução, de preparação para o domínio; a existência de níveis muito altos de ambição, de excessivos estímulos para satisfazer mais desejos que necessidades, leva a atitudes de extrema competitividade (VINYAMATA 2005, p.15).

Para o autor cada caso é resultado de uma combinação de quatro elementos básicos, que são: 1) questões políticas e sociais; 2) a espiritualidade e as

questões filosóficas; 3) disfunções biológicas; 4) aspectos psicológicos e de percepção. Coloca, ainda, que as questões políticas e sociais estão pautadas no poder e no fundo econômico que as circundam e que resultam em guerras armadas, econômicas e políticas. A espiritualidade e as questões filosóficas podem gerar atitudes conflitivas enquanto as disfunções biológicas podem contribuir e facilitar o alargamento de estados de conflito longos ou agudos (VINYAMATA, 2005). O autor não desmembra o ponto quatro, mas o entendemos como as assimilações internas de cada indivíduo somadas a suas percepções externas acerca da situação conflitiva em voga.

Acreditamos que a soma destes pontos apresentados por Vinyamata levam a um juízo comum de que o conflito é o resultado de violência ou agressão. Por outro lado, é quando, também, podemos reafirmar a diferenciação entre os conceitos de agressividade e violência que, geralmente, são utilizados como sinônimos de conflito e que, na realidade, estão bem distantes de o ser.

1.3 CONFLITO, AGRESSÃO E VIOLÊNCIA: pontos distintos

Desde nossas origens até os dias atuais a violência e a agressão estiveram e estão presentes em ações, atitudes ou nas condutas do homem. Há os que dizem que sempre estarão, no entanto, não queremos entrar nesse meandro de falta de esperança em nós mesmos. Sabemos que é uma questão complexa e transgride a ética, a moral e os valores constituídos em nós e na sociedade na qual vivemos a depender da situação na qual nos encontramos. De maneira comum, estão implícitas umas nas outras, no entanto, existem pontos distintos que as diferenciam nas ações e atitudes humanas.

De acordo com Jares, a violência é um ato efetivo provocado por algum elemento exterior ao ser humano não estando geneticamente determinado na natureza biológica do homem. Já a agressividade, confundida com a violência, se torna algo que impulsiona o homem a reagir em determinadas situações de conflito que, em si, são positivas na elaboração da sobrevivência e desenvolvimento do mesmo (JARES, 2002a).

Para Jean-Marie Muller, fundador do Instituto de Pesquisas sobre a Resolução Não-violenta de Conflitos, IRNC, a agressividade faz parte da natureza humana e não precisa acontecer de forma violenta; ela é uma energia que pode fazer bem ou mal, - conforme a forma que a elaboramos em nós. Enquanto força de combatividade, ela é assertividade individual, ou seja, é ir em direção ao *outro* sem fraquejar; pois é um componente da personalidade que permite ao indivíduo encarar as situações sem submeter-se a nada nem a ninguém. A agressividade é o fator principal de nosso relacionamento com os outros, no qual o respeito pode suprir a dominação e a submissão. (MULLER, 2006).

A violência, por sua vez, não pode apresentar a mesma dicotomia da agressividade. Ela não pode ser boa ou má. Se assim o fosse, cada indivíduo poderia justificar seus atos violentos sem o menor respeito aos outros, uma vez que há sempre uma pessoa responsável pela violência. Agir com violência é ferir, fazer o mal e trazer o sofrimento a alguém e, até mesmo, aquele que age nesta tendência, mesmo que assim não o considere. A violência compromete a dignidade de alguém; insulto, humilhação, tortura, assassinatos; alienação e exclusão são formas de violência. A violência ocorre quando um indivíduo se abdicar de seu desejo abreviado pela realidade, ou frustrado pela existência de outro indivíduo. (MULLER, 2006, pág. 33-39).

Para Hanna Arendt, ao analisar em profundidade a questão da violência e do poder, a violência é um ato transgressor enquanto forma de desobediência a uma lei, um pacto social, um acordo de forma a destruir o próprio poder. Neste sentido, a agressividade se processa como subjetividade enquanto a violência destitui e anula o outro (ARENDR, 1985).

Assim sendo, a violência, enquanto um fenômeno complexo, está diretamente relacionada com demandas sociais, econômicas, políticas e culturais. E o resultado do ato violento são sequelas nos indivíduos que, muitas vezes, é de difícil melhora física ou psicológica. Já a agressão, como coloca o psicanalista Friedrich Hacker, acontece através da disposição e de energias próprias do ser humano e que *originalmente se expressam em atividade e mais tarde nas mais diversas formas de autoafirmação até a crueldade individual, socialmente*

aprendidas e socialmente transmitidas (apud DAHLKE, 2005, p. 28). É quando a agressividade pode apresentar um caráter defensivo em que,

Um ato agressivo, que pode ter muitas faces e disfarces, seria simultaneamente uma resistência do Eu tentando marcar seus contornos identitários justamente quando o objeto (o outro) ameaça seu lugar, mas também um pedido de reconhecimento e endereçamento de uma mensagem a este outro (SOUZA apud VILHENA, 2002, p. 99).

A agressividade está diretamente ligada a uma *permanente rivalidade existente entre os seres humanos; que cria permanentes tensões e elabora sinistras cumplicidades* (GIRARD apud BOFF, 2006b, p. 91), isso porque a agressividade é, muitas vezes, necessária à vida e suas manifestações como forma de proteção e criatividade humanas. Como acentua Jares (2002a), está associada à capacidade de afirmação, de combatividade sendo necessária e positiva para o desenvolvimento e para a sobrevivência do indivíduo.

Contrário ao caminho da agressividade, a violência vem do desejo e se coloca a serviço da agressividade, contrapondo-se a valores universais como respeito, compreensão e justiça de maneira a não abrir espaço ao diálogo e ao reconhecimento da vida do próprio indivíduo que pratica a violência e daquele que a recebe. A violência, portanto,

[...] é, por sua própria natureza, instrumental; como todos os meios, está sempre à procura de orientação e de justificativas pelo fim que busca. E aquilo que necessita de justificar-se através de algo mais não pode ser a essência de coisa alguma (ARENDT, 1985).

Neste sentido, a violência é a *própria ausência de sentido para a constituição da relação com o outro em que os homens estariam impedidos de ver o outro em sua integridade existencial* (MOREIRA, 2006, p. 630). O contrário dessa ausência é o *encontro existencial de um eu e um tu, na qual se inscreve o reconhecimento da singularidade de outrem* (FRANKL apud MOREIRA, 2006, p. 629); é quando o diálogo se insere nesse encontro e a possibilidade de abertura e entendimento sobre relações constituídas ou não se torna profícuo, sadio.

Mas é Guzmán (2003, p. 259) que nos alerta que a violência acontece devido a ruptura com:

[...] a solidariedade comunicativa, com a falsidade e a insinceridade de quem fala que não assume a responsabilidade do que faz e diz, que não responde pelo que faz e diz [...]. A violência também é a desatenção de quem escuta, a falta de cuidado frente ao que se fala, não ouvir o que se diz [...]. A violência definitivamente começa quando evitamos a atitude performativa, que é a atitude que assume os compromissos do que nos dizemos e fazemos uns aos outros. A violência começa com a falta de reconhecimento de uns e umas em relação a outras e outros como seres competentes para se comunicarem.

Podemos assimilar que a falta de comunicação, de compreensão sobre os estados de outros indivíduos e coisas, a falta de compromisso, de responsabilidade sobre, também, indivíduos e coisas, sobre o que dizemos e fazemos pode nos levar a ações e a atitudes violentas. E que a verdade, a sinceridade, a atenção e o reconhecimento sobre o *outro* pode nos levar a estados de reflexão sobre ser ou não violento; cometer ou não ações e atitudes violentas e, porque não, agressivas.

E, diante destas constatações, no que tange a diferenciação entre agressão e violência, outras dimensões e discursos acerca das mesmas se faz importante registrar. Isso porque uma apreensão intensa, angustiante sobre a temática ocupa nossos pensamentos, nossas ações cotidianas. O passado foi violento, agressivo assim como o presente o é. E o futuro? Ou melhor, e o amanhã? A temática da agressão e da violência é uma preocupação social, educacional, cultural e política, de saúde física e mental voltadas ao entendimento da possibilidade de que podemos viver em paz uns com os outros, mesmo diante das dificuldades que possamos enfrentar no nosso dia-a-dia.

Outros estudos mostram que tanto a agressão quanto a violência são atos e atitudes inerentes ao homem através do argumento biológico de que fazem parte da natureza humana, ou seja, de que existe um componente animal no homem e que esse se comporta como um animal porque assim o é. Tal

argumento justifica-as no produto final da conduta do indivíduo que age por agressão e/ou violência.

Hannah Arendt, ao contrário, reflete sobre a redundância dessa forma pensamento ao colocar que:

Para saber que o povo lutará por sua pátria não precisamos descobrir instintos de territorialismo nas formigas, peixes e macacos; para aprender que a superpopulação resulta em irritação e agressividade, não temos que fazer experiências com ratos. Basta passar um dia nos cortiços das grandes cidades (ARENDDT, 1973, p. 139).

Tal reflexão nos remete as dimensões sociais e culturais que podem acometer os atos e atitudes agressivas e violentas dos indivíduos e que não devem ser justificados por nenhum argumento. Tão pouco, devemos deixar de ter consciência que existem as dimensões do poder e da política que podem, também, envolvê-los nas tramas de acontecimentos dessa amplitude. A esse ponto Frankl (apud MOREIRA, 2006) nos lembra que o homem possui causas psíquicas, emocionais, econômicas e outras para a sua violência, contudo, sem sentido e que resulta num fenômeno subumano.

Xesús Jares manifesta a posição favorável àqueles que comungam com a ideia de que a agressão ou a violência não estão geneticamente determinadas na natureza biológica do homem. Para chegar a esse acordo, o estudioso sobre o conflito e a paz visitou vários autores⁶ e chega à conclusão de que *o ser humano se caracteriza, sobretudo, pela sua capacidade de adaptação, maleabilidade e flexibilidade* (JARES, 2002a, p. 40). Temos claro que essa capacidade depende das perspectivas e modo de ver e pensar a vida de cada indivíduo e que tal tarefa não é fácil. Contudo, queremos registrar que a responsabilidade de cada um com o outro e consigo seria o início de uma nova forma de encararmos o “com-viver” em sociedade, uns com os outros de forma íntegra, solidária e honesta.

⁶ O autor cita como contrários ao pensamento de que a violência e a agressão fazem parte da natureza humana autores como: S. Freud na área da psicologia; K. Lorenz, Ardrey, Morris no campo da etologia; Ianni e Pérez na área de educação para a convivência. Mais detalhes: Xesús Jares, **Educação e conflito**: guia de educação para a convivência, edições ASA, 2002.

Em situações de conflito, no entanto, existe um juízo comum de que elas são resultado da violência ou agressão, ou até em sinônimo do próprio; assim como ambas são confundidas entre muitos autores como já apresentamos. Isso acontece, segundo Jares (2002a, p. 21), quando *se confunde um estado de fato, como é o conflito, com uma possível resposta ao mesmo, que é a violência*. E,

Quando reconhecemos que o conflito não é a violência, mas que a violência é apenas um aspecto possível do conflito, então se abre entre eles um espaço ideal para o trabalho do educador – evidentemente não para ocultar ou mascarar as coisas, mas para ensinar as crianças [ou especificamente aqui, às pessoas em geral]; ou melhor, aprender com elas como viver as confrontações que tendem a surgir na vida social e resolvê-las de modo positivo (PRAIRAT apud MULLER, 2006, p. 91).

Por outro lado e em termos educacionais, uma linguagem dupla é identificada por Esteve no pensamento da sociedade com relação à violência. A sociedade pede à educação formal que elabore, segundo Esteve (2004, p. 138), *campanhas de prevenção da violência e de melhoria do convívio entre alunos* e, à educação informal, no meio dos valores sociais em vigência, que utilize a *violência como uma conduta aceita, sacralizada* por não apenas ser admitida e valorizada no âmbito social, mas como *um meio de entretenimento no tempo livre das crianças*. Cotidianamente, informações cercadas de violência chegam aos olhos, aos sentidos das crianças e que, em um futuro próximo, estarão registradas nas lembranças de um adulto.

Não somente as crianças são atingidas por tais informações. Adolescentes, jovens, adultos e idosos também o são. A violência está presente nos seriados de tvs, em filmes, nos noticiários televisivos e escritos; na internet, em anúncios e propagandas diversas nas ruas, em periódicos e revistas em quadrinhos. De maneira triste, está nos desenhos, nos brinquedos, nos jogos eletrônicos que chegam até as crianças e adolescentes. Diante disso, muitas vezes, a violência é entendida como a única forma de resolver, solucionar ou atender situações de conflitos. Trata-se, neste sentido, de uma violência quase que conduzida; refletida, direta ou indiretamente, no comportamento dos indivíduos de maneira bem elaborada, perversa e desumana.

A violência, então, se torna espetáculo, notícia, atos e atitudes de estranheza no cotidiano em que pode provocar dor social, física, emocional e psicológica. E tem como resultado, muitas vezes, comportamentos e práticas sociais neutralizados que não percebem, não tem informação ou conhecimentos acerca desses atos e/ou atitudes. A esse movimento poderíamos chamar de banalização da violência, ou seja, uma forma de esconder, velar o impacto social que acomete os indivíduos como um todo e, em consequência, acaba por negar as dimensões éticas, moral e de valores que fazem parte da constituição íntima, ou não, do ser humano enquanto indivíduo.

O resultado dessa situação, muitas vezes, está na falta de uma coesão social que é atingida pela própria violência, uma vez que,

Com frequência, o medo ou a experiência de vitimização – direta ou indireta – levam as pessoas a adotarem medidas de autoproteção que as distanciam umas das outras. Ou seja reduzem o uso dos espaços públicos, o contato com vizinhos e parentes, vivendo o que chamamos de confinamento (MOREIRA, 2009, p. 690).

A questão da violência e da agressividade enquanto um problema social se estende a outros espaços. A educação, nesta questão, se volta à forma pela qual podemos compreendê-las e levá-las a uma educação voltada para a paz, aos valores éticos e morais, linha tênue que se une na proposta deste estudo.

Desde ponto de vista, queremos elencar cinco complementos aos estados de violência e agressão que podem não sustentar uma cultura para a paz, tão pouco para a educação em si. São identificados por Leonardo Boff (2006b): **1)** violência pessoal dentro de si; **2)** violência do patriarcado; **3)** violência cultural enquanto vontade do poder-dominação; **4)** violência da economia capitalista de mercado e **5)** violência originária do cosmos.

Para Boff, a violência pessoal dentro de si está diretamente relacionada com cada indivíduo. Há violência no mundo porque cada um a carrega dentro de si. Está nas atitudes, nas ações cotidianas e nos seus pensamentos. A violência do patriarcado se faz pelo uso da força e da inteligência objetiva; com ambas,

cria mecanismos de dominação, poder e força em duelos, batalhas, guerras e conquistas de maneira a legitimar suas atrocidades, violência e agressão. Em consequência, a violência cultural enquanto vontade do poder-domação ampara-se na conquista do mundo inteiro, as sujeitando povos e dominando a natureza. Já a violência da economia capitalista de mercado se ocupa com a redução do ser humano a um mero produtor e um simples consumidor, elaborando um projeto humano materialista e sem nenhuma grandeza. A soma desse todo, para Boff, está na violência originária do cosmos em que, diante de sua bela ação física, química e biológica originou o Universo e continua em expansão. A primeira explosão, o *big-bang*, aconteceu de maneira violenta e abriu espaço para que explosões e manifestações em todo o Universo aconteçam sempre, inclusive conosco em terremotos e maremotos.

Destes complementos elencados por Boff, é possível apreendermos a significação de cada um. Entretanto, nos parece que a violência originária do cosmo toma uma dimensão mais estreita a nossa razão. O filósofo quer nos dizer que é na origem de tudo que existe uma violência inimaginável enquanto caos primal e que em sua expansão ordens, entidades cada vez mais complexas e sistemas interligados e coerentes iam se formando. *O caos nunca se mostra simplesmente caótico. Ele é generativo e inventivo* (BOFF, 2006b, p. 107-108). Diferentemente do homem, o caos que gerou vida, destrói e renova está sempre em movimento e expansão de si para o Universo. O homem, poucas vezes se coloca em expansão de si para si, muito menos para o outro.

É tempo, então, de educar-nos para administrar conflitos por meio da paz. É por ela que poderemos *impor limites e sublimar a conflitividade inerente a toda realidade: cósmica, social e pessoa* (BOFF, 2006b, p. 110). É com ela e por ela que o entendimento, o respeito de uns para com os outros proporciona um estado de *ser* lúcida, uma mente tranquila, um amanhecer de esperança ao mundo de ações positivadas e fraternas de uns para com os outros.

E, em se tratando de conflito como ato educativo, não somente confrontações ou resoluções será o fim último. A esse ato cabe o entendimento, a aceitação, a abertura de um indivíduo a outro na questão conflitiva. Cabe a:

Superação das mazelas socioambientais, frutos da atual sociedade de consumo, a transcendência de estilos de vida agressivos e assertivos, a superação do progresso que exclui e concentra riquezas resultantes do egoísmo narcisista e da ambição sem limites, denunciada pelo próprio Aristóteles como a causa principal dos problemas do ser humano, só ocorrerá quando, no futuro, o poder do amor superar o amor pelo poder (HOYOS GUEVARA, p. 11-12, 2007).

Tais superações geram conflitos muitas vezes velados que precisam ser clarificados para que sua apreensão seja positiva e que os indivíduos o encarem de forma lúcida, onde as situações de violência e a agressão não sejam confundidas, novamente, com o conflito. Daí nasce a grande diferença que propusemos neste estudo: o de que não podemos confundi-los e que é necessário que tenhamos abertura e flexibilidade para apreender o conflito como algo construtivo, um ato que educa, e que só irá nos aproximar do que de mais *ser* pode existir, ou existe, em nós: *ser* e *estar* com outros diferentes, em paz, respeito e harmonia em um espaço comum.

Isso não significa gostar, ir além da capacidade de cada um a aceitação das ações do outro. Tão pouco se deva ser obrigado a gostar e a conviver com todos que estão ao lado. No entanto, é importante se ter uma escuta atenta ao outro na sua fala, na sua comunicação, na sua maneira de agir de modo a poder entender esse outro, poder se colocar no lugar dele em diversas situações, se permitir a que a ombridade esteja em si.

Talvez o grande emblema para que isso não se efetive verdadeiramente em toda a humanidade, somada ao atual sistema que gira ao redor de nós e a atual situação de alerta ambiental que acomete nosso planeta, esteja no pulsar de dois grandes movimentos do homem, indicados por D'Ambrósio (2000): a sobrevivência do indivíduo e da espécie; e a transcendência do tempo e do espaço. Para o autor, o indivíduo e a espécie sobrevivem conforme a dimensão que o momento se situa. E transcendem tempo e espaço, por outra dimensão diferente das demais espécies e é isso que o pode levar, a indagar sobre questões filosóficas: “por que”? “como”? “onde”? “quando”?

É nesse ponto, que podemos verificar a não possibilidade do conflito ser agressivo ou violento, e sim, levar a estas ações. Tanto a agressividade quanto a violência podem ser simbólicas. O conflito não, pois carrega em si a profundidade de uma situação que antecede a capacidade de o indivíduo agredir ou violentar alguém. Por isso ele é uma possibilidade para que tais atitudes possam ocorrer e, daí, a importância de o ser construtivo em um ato educativo em que se crie a possibilidade de encará-lo de maneira verdadeira, objetiva, clara e não velada.

No entanto, é preciso assimilar que o conflito é um acontecimento intrínseco às sociedades, épocas e situações pertinentes a elas. E mesmo sendo familiares, escolares, sociais, religiosos, ambientais, armados ou políticos se tornam similares ou equivalentes uns aos outros no que tange alguns objetivos ou formas de comportamento dos indivíduos.

A isso, Vinyamata nos trás uma análise de extrema importância em se tratando de conflitos no que diz respeito a possibilidade de técnicas, mediação ou dinâmicas de grupos para suas situações em que:

É necessário conhecer o que acontece no organismo humano quando se sente medo ou angústia, ou quando se atua de maneira violenta. É necessário, também, conhecer quais são os mecanismos sociais de transmissão do medo e da agressividade; as múltiplas formas da violência, do assédio moral e psicológico; as origens filosóficas de nossas insatisfações ou as causas sociais e políticas da injustiça social; as repercussões conflituais que geram as mudanças e as maneiras de transformar os processos de mudança, conflito e crise em algo positivo (VINYAMATA, 2005, p. 29).

Diante desta colocação, podemos perceber, mais uma vez, a diferença entre conflito, violência e agressão. Ou seja, o conflito antecede, conforme já colocado, os estados de violência ou agressão, pois, em si, são objetos de estudo. A violência,

Tem sido concebida como um fenômeno multifacetado, que não somente atinge a integridade física, mas também as integridades psíquicas, emocionais e simbólicas de indivíduos ou grupos nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no espaço privado (ABRAMOVAY, 2002, p. 27).

Significa dizer que tanto o fator violência quanto agressão resultam em um problema que não será resolvido pelas mãos da segurança policial. É uma questão que envolve o ativo social como um todo, trata-se de um olhar mais profundo na própria questão social e seu abrangente campo público em suas esferas econômica, política e ambiental. Isso porque,

Nas últimas décadas, a sociedade passa por significativas e profundas mudanças, advindas do desenvolvimento capitalista globalizado em grande escala, da hegemonia do mercado, do consumismo, do pensamento único neoliberal, do estado mínimo, que impede a universalização dos direitos sociais e da revolução técnico-científica, que inova, mas nem sempre coletiviza o progresso (FEGHALI, 2006, p. 15).

Tal atitude leva a sociedade e os homens a uma disposição privilegiada no sentido de escolhas “a” ou “b”. Significa dizer que é escolhida a parcela da sociedade que será beneficiada com mudanças significativas e seus resultados profícuos, e outra não. Nesse sentido, a permanência do bem comum não prevalece resultando para essa sociedade e seus homens ultrapassar os bens e as vantagens que circundam o mundo, ou melhor, certos indivíduos que nele vive.

Deste todo analisado, podemos perceber que, de uma maneira ou outra, a violência se dirige a um objetivo pré-estabelecido por alguém na medida em que é um meio para alcançar um fim em que é possível discutir sobre a validade desse meio e o ajustamento desse fim. Contudo não podemos, de maneira alguma, justificá-la. A agressividade, em se tratando de estar na *conduta humana, não é negativa, em si mesma, mas antes positiva e necessária, enquanto força de auto-afirmação física e psíquica do indivíduo, e é especialmente determinada pelos processos culturais de socialização* (JARES, 2002a, p. 38) que precisam ser direcionados e orientados no/ao ser humano.

1.4 Desvelando o conflito velado

Diante do todo analisado até agora, podemos perceber que fazer uma relação direta do conceito de conflito com agressividade e violência é um grande equívoco. Não podemos medir, neste estudo, sobre o firmamento desta relação. Contudo, neste momento, se faz necessário reafirmar que a proposta desta pesquisa se pauta no propósito de acreditar no conflito enquanto uma práxis positiva, uma vez que a *práxis [...] é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo* (FREIRE, 2005, p. 42) e a dimensão apresentada sobre esta temática edifica valores, ética e moral.

Isso quer dizer que a humanidade caminha, ou pode vir a caminhar, para o entendimento de uma só vida em bem a todos, que pode ser liberta e autônoma, altera e ética. No entanto, esse caminho pode ser longo, sinuoso, mas não impossível. O importante para que ele realmente apareça límpido e calmo é a busca pela própria ética e pela moral que, infelizmente, está passando por uma crise perturbadora no seio das sociedades como um todo. A isso podemos dizer que

Ninguém tem condições hoje de nos dizer para onde está caminhando a humanidade: se na direção de um abismo, que a todos vai tragar ou se na direção de uma culminância, que a todos vai englobar. O certo é que estamos entrando num novo patamar de consciência, a consciência planetária (BOFF, 2003, p. 9).

Acreditamos que uma das causas primeiras que ajuda essa crise a permanecer é o fato de que o ser humano desligou-se de si, do outro, da natureza, da vida. Conseqüentemente, não sabe mais discernir o que é bom do mau; justo do injusto; certo do errado. Não está mais ao lado de outras pessoas, está, muitas vezes, contra as pessoas. Afastou-se do que de mais humano poderia ter: a compaixão, o amor, o respeito, a liberdade, valores essenciais à vida. E, nesta seção que segue, vamos analisar tais pontos, pois ao se colocar na viga do poder (poder ter, poder ser, poder estar), o homem acabou contemporizando para si a falta de autonomia, de querer bem, de ver o bem, de ser bem, da possibilidade de exprimir liberdade e alteridade.

É quando o conflito, muitas vezes, se vela. O indivíduo não diz aquilo que gostaria de dizer, não se coloca à frente daquilo que acredita, não se permite mostrar aquilo que lhe faz bem. Ao contrário, permite guardar em si mágoas e ressentimentos que geram revolta, angústia e dor. Guarda o que de destrutivo o externo tem, levando para si esse sentimento que o vai aniquilando e o destituindo de sua verdadeira essência de *ser* e *estar* no mundo.

Para que as situações de conflito não se tornem veladas, se faz necessário desenvolver nos indivíduos alguns objetivos que, transformados em habilidades, podem ser o caminho de entendimento e compreensão de um *outro* indivíduo que é diferente, quais sejam:

- Considerar a situação conflitiva como uma porta (que pode ser aberta ou não; a decisão é individual);
- Integrar as possibilidades de entendimento que estão acerca da situação conflitiva (que podem gerar respostas em curto prazo e mudanças em longo);
- Dissipar as energias que são geradas na situação conflitiva em “isso” e “aquilo” para nós ao invés de ‘ou isso’ ‘ou aquilo’ para mim (que pode levar ao sentimento de empatia) e
- Meditar sobre a complexidade da situação conflitiva enquanto aliada a atitudes e ações de bem comum (que pode gerar a possibilidade de saber lidar com sua multiplicidade e simultaneidade; ambiguidade e incerteza).

Tais objetivos, transformados em habilidades, levam os indivíduos a enxergarem além das possíveis divergências no propósito de encontrarem as possíveis semelhanças entre si para investir esforços na expansão desse espaço comum. Deste ponto de vista, o conflito velado tende a se dissipar em lucidez interna em que, por trás das oposições, os interesses em comum possam surgir e fazer parte do entendimento da situação conflitiva em voga. Assim, no momento em que numa situação conflitiva os indivíduos consideram a possibilidade de abrirem-se à ela de maneira consciente, livre, sem pesares ou medos, abre-se a porta da positividade onde as energias do negativo se dissipam. O resultado é a compreensão, a análise em si de que o conflito

enquanto ato educativo, em sua plenitude, pode voltar-se a atitudes e ações de bem comum. Eles:

São estimulados a expressar de modo mais pessoal o que os faz acreditar na visão que defendem, quais as experiências de vida que os conduziram a isso, explorando mais a fundo a complexidade dos seus pensamentos, e quais as dificuldades que enfrentam. Com isso, abrem-se novas possibilidades de conversa em torno do tema polêmico e, por vezes, é possível encontrar a área de valores compartilhados e de interesses comuns, mesmo que as visões sobre o tema continuem divergentes (MALDONADO, 2008, p. 63).

Esse é um ponto de extrema relevância para as situações de conflito. À medida que abro minhas percepções acerca daquilo que acredito a novas possibilidades de fala, abro espaço para que o outro sinta que seus valores e interesses possam ser condizentes com um pouco desse acreditar e vice-versa. Ou, é quando minhas experiências se encontram com a complexidade do tema, que tenho a oportunidade de expressá-las e escutar a fala do outro.

Nesta perspectiva, a oportunidade de conjecturar novos olhares para perceber os estados de conflito, nos leva a pensar e a agir de maneira mais corrente diante da existência nossa no mundo. A isso, não podemos deixar de citar uma profunda reflexão de Marcelo Gleiser, físico brasileiro, sobre o natural da Natureza. Ele nos diz que,

Pela primeira vez na vida, vislumbrei o mundo com os olhos bem abertos, sem uma teoria preconcebida para guiar meus pensamentos. Vi que as árvores nunca se bifurcam de forma perfeita, que as nuvens não são esféricas, e que as estrelas se distribuem no céu noturno sem qualquer padrão aparente. Entendi que a ordem que impomos na Natureza é a ordem que tanto queremos nas nossas vidas (GLEISER, 2010, p. 216).

Se levarmos essa bela reflexão de Gleiser sobre a livre ordem que a Natureza possui para nosso estudo, para o conflito que educa, é possível dizer que, muitas vezes, queremos impor ao outro nossos pontos de vista de forma que até seus pensamentos possamos guiar; queremos ver perfeição na fala do outro e não na nossa; queremos que o outro se coloque à nossa frente em certa atitude de aceitação daquilo que desejamos e não o que deseja a si

mesmo; queremos impor certa ordem no conflito como se ele fosse nossa marionete de mãos onde balançamos para qualquer lado, onde levamos a qualquer ponto e onde velamos quando quisermos.

As situações, a Vida pulsante em nós, ao contrário, não precisa ser vivida desta maneira. Se tivermos situações inerentes na própria natureza e em nós mesmos, porque procuramos velar o conflito? Porque não o presenciamos de frente, o aprendemos e assimilamos em prol de uma vida melhor a todos? Os conflitos podem gerar entendimentos, alegrias, paz. Os conflitos não precisam (re)criar desentendimentos, arrogância, tristeza, guerras internas ou não. É tempo de podermos ver novas frentes de entendimento à Vida, ao seu balançar constate de amor, de busca pela harmonia, de paz e luz entre todos os Seres deste belo pedaço de terra que gira no Universo.

1.5 CONFLITO E DIMENSÕES AXIOLÓGICAS

O ser humano não pode viver isolado dos demais seres, situações, fatos ou acontecimentos que permeiam a sociedade sejam eles bons ou não, alegres ou tristes, pacíficos ou violentos, dentre outros. Conforme analisado sobre o conflito e a natureza humana, a história, a antropologia e os avanços científicos e tecnológicos da atualidade de hoje, nos mostra sobre a incapacidade que o homem tem em não poder viver isolado da sociedade. Isso porque precisa do convívio com outros homens para a sua socialização, para a socialização dos grupos que vão sendo formados nela.

Este convívio é permeado de valores, moral e ética estabelecidos pelos próprios homens dentro de sua própria história, ou seja, por sua própria cultura e estruturação social, econômica e política. No entanto, estamos vivendo hoje uma crise coletiva nestas dimensões que nos leva a estados de perplexibilidade diante de ações e atitudes de que não estimam o Homem em sua constituição mais íntima: a humana.

Poderíamos dizer que estamos vivendo o niilismo de Nietzsche, onde a falta de sentido e orientação para a vida está latente em nós. Poderíamos dizer que a razão instrumental é regida pela ética do consumo e do lucro sem precedentes que resulta no utilitarismo que nos condena ao mais descabido individualismo. E poderíamos dizer, também, que a ciência e a técnica, advindas da modernidade, poderão decidir se haverá futuro ou não, já que estamos diante de ameaças científicas e tecnológicas que nos levam a questionar sobre sua força e poder de destruição (ROCHA, 2001).

Como reflexo, temos as vicissitudes que nos envolve cotidianamente e que nos mostra que estamos enfrentando uma profunda crise nos valores, na moral e na ética de convívio entre indivíduos; de uns para com os outros, de grupos para grupos, de si para si mesmo. A crise pode ser entendida de diversas formas e estar em diversos momentos do desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade. Por isso, podemos assimilá-la enquanto transição ou fase difícil diante de fatos, acontecimentos ou sentimentos.

É importante não esquecermos que a ética orienta os princípios e as convicções individuais dos homens, ao passo que a moral seus costumes e valores consagrados na sociedade (BOFF, 2003a, 2003b; CORTINA, 2003; ARANHA, 2005; CHAUI 2008), derivam num movimento de aceitação crítica das normas e dos valores herdados ou de mudanças autônomas sobre os mesmos. A partir do momento que passamos a querer identificar, investigar, se perguntar de onde surgem, aparecem ou o que valem os costumes; e, ao querer abranger no indivíduo seu caráter, a ética passa a existir. Para Chauí (2008) podemos identificá-lo como senso ou consciência moral pertinente em cada um de nós.

E é em Sócrates, filósofo das perguntas e pai da filosofia moral, que encontramos a indagação sobre o sentido dos costumes estabelecidos de geração em geração à coletividade; sobre o caráter, ou seja, as condutas individuais que levam ao respeito ou a transgressão dos valores da cidade e o porquê; sobre a busca da verdade enquanto forma de juízo universal, única capaz de conduzir nos planos pessoal e político, a vida dos indivíduos. As

máximas *Conhece-te a ti mesmo* e *Só sei que nada sei* levou o sábio a conhecer sobre a inverdade e a ética enquanto um proceder bem e ter uma alma boa.

É quando a consciência do agente ético moral ganha forma, pois *conhece as causas e os fins de sua ação, o significado de suas intenções e de suas atitudes e a essência dos valores morais* (CHAUI, 2008, p. 311). Para o sábio, somente o ignorante não é capaz do bem, pois quem o conhece jamais deixa de assumi-lo como verdade em sua vida. As questões morais, nesse sentido, *não são puramente convenções influenciadas pelas circunstâncias, mas problemas que devem ser resolvidos à luz da razão* (PASSOS, 2007, p. 33). Isso porque a ética segue o destino da razão, em que sua natureza é procurar e não se deter diante de nenhuma instancia (BOFF, 2003a). Essa razão poderia ser uma razão prudente, aristotélica, que nos aconselharia a tomar decisões sobre nossas ações não só em um momento específico, mas diante de todo o conjunto do nosso existir.

Por outro lado, se levarmos a uma razão prática, kantiana, criaríamos as leis a nós mesmos de maneira verdadeira e, em si, autônoma. Já a razão comunicativa, habermasiana, nos levaria a fundamentar um diálogo racional diante das normas estabelecidas a um determinado grupo e, nele, dialogaríamos para ver se tudo está correto a todos. Portanto, o papel da ética e da moral é o de nos ajudar a erguer em nós um bom caráter, com a finalidade de sermos humanamente íntegros (CORTINA, 2003), coesos para com nossos ideais, nossas concepções e a possibilidade de abertura quando não identificamos em nós nenhum destes.

Em situações de conflito, o agente ético moral pode se ocupar de um, ou nenhum destes quatro modos de comportamento que nos fala Cortina, até porque outros podem existir, mas não vamos nos alongar na questão. O que nos é importante entender é o quão lúcida uma situação de conflito se torna quando os envolvidos nela conseguem assimilar e apreender a ética moral do outro de forma a estabelecer o ato educativo em si mesmo.

Diante destas proposições,

Pode nascer uma ética, capaz de incluir a todos na família humana. Essa ética se estrutura ao redor dos valores fundamentais ligados à vida, ao seu cuidado, ao trabalho, às relações cooperativas e à cultura da não-violência e da paz. É um *ethos* que ama, cuida, se responsabiliza, se solidariza e se compadece (BOFF, 2003a, p. 32).

Portanto, a crise ética que enfrentamos hoje não está ligada a um fim em si mesma. O importante é a capacidade que precisamos ter e assumir em nós em enfrentá-la como esperança para que um novo *ethos* surja em nossa civilização e que venha responder aos desafios exigentes, e novos, que estão sendo feitos a ele (ROCHA, 2001). A essa questão Leonardo Boff nos lembra que

Os sistemas, entretanto, por força da ordenação arquitetônica, se distanciam do vivenciado. Fazem-se abstratos, quando a ética sempre tem a ver com a prática concreta. Possuem inegáveis virtudes, mas também vícios como a rigidez, a inflexibilidade, a a-historicidade. Por isso, todos os sistemas possuem algo de artificial e construído. As normas não raro funcionam como imperativos, quais superegos castradores, mais do que inspiradores de comportamentos criativos (BOFF, 2003a, p. 35).

O que o espiritualista quer nos dizer com isso, é que nos afastamos de *daimon*, ou seja, do nosso *anjo bom* que Sócrates definiu como a *voz profética dentro de mim, proveniente de um poder superior*. Entendemos ser uma voz que nos fala dentro do mais íntimo em nós, uma voz que nos guia dentro de nossas vidas e, conseqüentemente, de nossas ações e atitudes.

Neste sentido, Boff (2003a) nos faz refletir também que, cada vez mais, ao nos distanciarmos de *daimon* vamos o considerando inexistente, o reduzindo a um subproduto dos mecanismos de controle psicológico ou do enquadramento social. No entanto, *daimon* não deixa de estar em nós, pois é intrínseco ao ser humano e não deixa de nos falar. Para o autor, seres humanos exemplares como Isaías e Amós, Jesus Cristo, Buda, Sócrates, Francisco de Assis, Gandhi e outros tantos anônimos homens e mulheres, testemunharam lucidamente a existência e persistência dessa voz que fala ao nosso interior.

Tal suposição espiritualista nos remete a uma ampla revisão do atual estado de manifestação humana diante das diversas questões que a envolve. *Precisamos resgatar o bom senso ético, aquilo que simplesmente deve ser, [pois daimon] é a fonte da criatividade ética e moral* (BOFF, 2003a, p. 36). Utopia? Fora dos padrões estabelecidos pelo atual sistema econômico, político, social, cultural e educacional que nos circunda? Para Boff é utopia e é a correta direção para encontrarmos o caminho verdadeiro. Para nós, caminho do entendimento e energias de amor à vida.

Diante desse contexto, cabe à educação *ajudar o educando a mover-se livremente por um universo de valores, para que aprenda a conhecer, a querer e a inclinar-se para tudo aquilo que for nobre, justo e valioso* (CARRERAS et al, 2006, p. 25). Do mesmo modo, a educação em valores pode levar os indivíduos a perceber a vida, em sua dinâmica, de uma forma real. Nela, os envolvidos num estado de conflito podem perceber o sentido da vida em si mesma reconhecendo e respeitando a dignidade de todos os seres.

Isso porque “valor” é algo objetivo, situado fora do tempo e do espaço e é pela estima que é percebido de forma não intelectual. Todo valor é polar, ou seja, é positivo ou negativo; é valor ou contravalor. Sua essência está no seu próprio valer, no sentido de ser valioso não dependendo de apreciações individuais e subjetivas (CARRERAS et al, 2006, p. 21). É por isso que existem valores que são considerados universais como paz, amor, justiça, generosidade, diálogo, honradez.

Os estudos nos mostram que os valores, portanto, apresentam uma dimensão social, comunicativa e valorativa. São atemporais e, ao longo da história da humanidade, foram sendo edificados dentro da sociedade através da comunicação e, somente a partir do século XIX, os valores começam a tomar sentido valorativo sendo assimilado como axiológico. Assim, foram identificados com diferentes qualificações, sendo: estéticos, céticos, econômicos, vitais, materiais, intelectuais, morais e religiosos.

Neste sentido, os valores estão diretamente relacionados com as qualidades e características de um objeto, uma situação ou um sentimento não sendo, portanto, fixos. A isso podemos dizer que os valores apresentam critérios de durabilidade, divisibilidade, profundidade, relatividade ou satisfação. Por isso, eles não podem ser fragmentados ou divisíveis. A esse ponto, Frondizi nos coloca que:

Si no tomamos en consideración estos complejos cambiantes, podemos caer en algunas de las interpretaciones simplistas del valor o insistir en ajustar nuestro comportamiento moral a reglas fijas tradicionales. Uno puede ser anticuado en moralidad como lo es en la moda. Si bien el ritmo de las modificaciones es distinto, ambas cambian constantemente y son el producto de complejos socioculturales. Se cae en la ilusión de valores y normas eternas porque el tiempo de observación es muy breve o por la ingenua creencia de que el momento actual, o la época histórica que se escogió como paradigma puede, por arte de magia, perder historicidad (FRONDIZI, 1992, p. 218-219).

É por isso que, os valores voltados para o conflito enquanto ato educativo, leva os indivíduos a definirem, com clareza, os objetivos, os fundamentos, as convicções daquilo que se deseja alcançar na situação conflitiva e, acima de tudo, compreender e apreender os objetivos, os fundamentos e as convicções de outros indivíduos envolvidos no processo. O resultado está na afirmativa de Kant que, citado por Cortina (2003, p. 26) diz *que as pessoas são absolutamente valiosas, fins em si mesmas, dotadas de dignidade, e que não podem ser trocadas por preço nenhum*, pois valores bem constituídos, autênticos e assumidos de maneira livre, autônoma e altera nos ajudam a acolher uns aos outros de forma a estimar nossas opiniões e posições em uma relação amadurecida, em equilíbrio, entendimento e harmonia.

Assim sendo, não podemos deixar de fazer alusão a Boff quando nos trás que *o valor é o caráter precioso dos seres, aquilo que os torna dignos de serem e os faz apetecíveis [...]. É por valores que nos movemos e somos* (BOFF, 2003a, pág. 30) para que o convívio entre os envolvidos no processo conflitivo se mova com respeito e para além de interesses pessoais, além da busca por competições, obstinações e a supressão do *outro*.

Portanto, o valor tem relação direta com

A própria existência da pessoa, afeta sua conduta, configura e modela suas idéias e condiciona seus sentimentos. Trata-se de algo mutante, dinâmico, que, aparentemente, escolhemos de maneira livre entre diversas alternativas. Depende não obstante, em boa medida, do que foi interiorizado ao longo do processo de socialização e, por conseguinte, de idéias e atitudes que reproduzimos a partir das diversas instancias socializadoras (CARRERAS et al, 2006, p. 22).

É quando a ética e a moral se torna a base de compreensão de cada indivíduo para sua capacidade de direcionar a vida, suas ações e atitudes a comportamentos coerentes e coesos com a dinâmica que circunda o meio ao qual está inserido com vistas a uma prática política e social que supere possíveis conflitos inerentes ao ser humano e, em consequência, à sociedade; e, além, o dimensionamento do viver e *ser*, individual e coletivamente, em uma sociedade justa, ética e em paz.

1.5.1 CONFLITO: perspectivas de educar em valores

Não nascemos sujeitos éticos e morais, necessitamos de uma descentralização de individualismo na direção de um *outro* indivíduo a fim de que possa ver, de forma clara, o *eu* entendendo, aceitando e compreendendo *outro-eu* na abrangência lúcida e diálogo criador, ajudando-se mutuamente a firmar suas aceitações e escolhas. É por isso que a educação em valores, desde que *por ele nos movemos e somos*, deve acontecer de forma efetiva no desenvolvimento prático e cognitivo dos indivíduos.

Isso porque, muitas vezes, a depender de nosso apurado senso de consciência,

Pensamos de modo diferente de como pressupomos que pensamos, mas o conhecimento deste paradoxo não nos leva a modificar os comportamentos nos quais apoiamos nossa forma de pensar nem nossas opiniões. Comportamentos baseados em conteúdos similares podem receber significações e considerações morais e ser interpretados de modos diferentes por parte das mesmas pessoas,

sem que estejam conscientes de suas mudanças de critério e sem que a percepção destas mudanças a leve, de forma imediata e espontânea, à busca de maior consciência moral (SASTRE VILARRASA, 2002, p. 239).

Deste modo, a educação em valores nos impulsiona a entender, a respeitar, a socializar a humanidade de forma a manter sua integridade e desenvolvimento a partir de valores autônomos e não impostos, pois como direito social e fundamental das pessoas, a educação tem um potencial transformador nelas, ademais por ser um aporte cognitivo e cultural para o desenvolvimento dos povos. Esta afirmação de Martínez y Hoyos (2006) nos leva ao entendimento de que, educar em valores como respeito, justiça, solidariedade, cuidado, entre outros, nos proporciona em qualquer relação ou situação o equilíbrio e a harmonia indispensáveis aos inter-relacionamentos.

Segundo Puig e Martín (1998), antigamente se tinha noção de que educar em valores era o mesmo que imposição, doutrina ou até mesmo manipulação. Neste tempo, a transmissão de conhecimentos era suficiente para uma boa educação sem, contudo, levar em consideração a própria educação em valores. Para os autores, tal situação teve uma significativa mudança não mais sendo possível admitir uma lacuna à temática do valor.

Assim, é através da própria que se busca a educação em valores. É quando relacionam 4 motivos que nos levam a necessidade da formação em valores: *(i) desarrollar una educación integral; (ii) responder a una crisis de valores; (3) educar para vivir en democracia; (iv) acoger la demanda de la Reforma Educativa* (PUIG & MARTÍN, 1998, p.13). Tais motivos nos indicam que a educação em valores vem nos provocar às reflexões sobre a própria dinâmica social, econômica, política que nos envolve todos os dias, pois, num processo de educação moral e ética, pressupõe o reconhecimento do *outro* (no sentido da alteridade) no momento em que o sujeito se reconhece autônomo e livre.

Em situações de conflito, portanto, a educação em valores propicia o respeito, a compreensão e a tolerância, dentre outros valores, entre sujeitos a fim de que, enquanto ato educativo, o conflito possa conferir seu lado construtivo em

entendimento e harmonia. Assim, a autonomia e a liberdade podem ser canalizadas de forma positiva para a concepção atual de mundo e a alteridade pode levar ao re-conhecimento do *outro*, suas questões e posições.

Em consequência, alguns objetivos podem ser alcançados no ápice da situação em conflito sob esse prisma: **(i)** analisar a realidade apresentada de maneira crítica; **(ii)** conhecer os direitos e os limites de si mesmo; **(iii)** conhecer os direitos do outro; **(iv)** respeitar os direitos do outro e; **(v)** assumir o compromisso ético diante dos demais.

Tais objetivos levam a reflexões individuais que podem modificar ações e atitudes negativadas em positivadas, ou seja: analisar a realidade apresentada de maneira crítica leva a uma análise externa sobre elas e conhecer os direitos e os limites de si mesmo, a uma reflexão interna. Deste modo, conhecer os direitos do outro e respeitar esses direitos, leva o indivíduo a reflexão interna e externa quando, ao assumir o compromisso ético diante de todos eles proporciona reflexões de ordem global sobre os fatos e situações vividas ou em vias de estar.

Portanto, educar em valores proporciona aos indivíduos, portanto, sua humanização e compreensão dos movimentos que ocorrem dentro da própria sociedade, além do desenvolvimento de sua integridade e o amadurecimento de suas condutas. Isso porque os valores quando firmados interiormente no indivíduo os leva a condutas éticas e, assumidos com autonomia e liberdade, permitem que seja assimilado com clareza seus desejos e intenções com pleno sentido para que o convívio em paz e respeito com *outros* possa estar acima de possíveis interesses pessoais. É quando abriga a responsabilidade dos indivíduos como base consciente sobre o que valoriza, seus sentimentos e pensamentos. Diante disso articula-os à capacidade de se colocar aberto às diferentes situações de conflito que possam lhe chegar, podendo, até, assumir, em si, a alteridade.

Os valores, para o conflito enquanto ato educativo seria o equilíbrio, a base do entendimento de uns para com os *outros*. Sabemos que vivemos, hoje, uma

crise de valores em todo o globo, como já mencionamos. Contudo, é importante revermos em nós tal crise. Em se tratando de valores, ela está em cada ser humano, em cada direção que tomamos, em cada escolha que fazemos. Ela pode ser reflexo do atual sistema que vivemos? Pode. A situação é complexa? Sim. Todavia, vemos na educação a possibilidade de mudança para universalizar o que já é universal, ela própria.

É na educação que os indivíduos articulam de maneira coesa seu próprio conhecimento de vida, de cidade, de cultura, de sentimentos, emoções e tantas outras extensões que a própria vida em sua totalidade nos leva e nos move. É chegado o tempo de a educação estar com os indivíduos e não entre eles. Deste modo, a educação em valores nos leva e nos move, também, a apreensão e compreensão dessa dinâmica. Sabemos que esse movimento não ocorrerá de uma hora para outra. É uma complexa questão que depende de ações políticas, sociais e educacionais.

No entanto, não podemos deixar de refletir e levar o presente estudo a identificar possibilidades efetivas para tais pontos articulados. Para tanto, valores como tolerância, respeito, cordialidade, honra, integridade, generosidade, sinceridade, autenticidade, cooperação e dignidade são alguns de muitos valores que são imprescindíveis para que a proposta de pesquisa ocorra.

Tal grupo de valores em situações de conflito pode nortear as ações e atitudes dos envolvidos para que o ato educativo nela ocorra. Não são os únicos, podem ser acrescentados outros, retirados alguns. Podem ser utilizados uns e não todos. Podem ser divididos por faixas etárias ou por grupos de diferentes visões ou situações. Muitas são as possibilidades de serem conduzidos, até mesmo a forma, tais como as técnicas de sensibilização, as práticas morais, as dinâmicas de grupo, os jogos cooperativos, dentre outras.

Nosso estudo não entrará nestas dimensões. Não é nosso propósito defini-las ou indicá-las. O que nos cabe é mostrar que a educação em valores é, sim, uma possibilidade de sentido real para embasar e orientar os envolvidos no

processo conflitivo para que ele se torne um ato educativo em situações conflituosas na perspectiva da autonomia, liberdade e alteridade.

E, para que esse grupo de valores se edifique, acreditamos que deva ser conduzido por uma Pedagogia⁷ que envolva o diálogo e a conscientização acerca daquilo que os acomete e, no nosso caso, aos envolvidos em um processo conflitivo. A Pedagogia, além desse todo, irá encontrar como desafio os contravalores indicados aqui. Nesse tempo, poderá se deparar, também, com situações de violência, agressão, indiferença, individualismo e, até mesmo, repúdio ao um possível encontro com aqueles que se pretende o ato educativo e queira apreendê-lo.

A contramão dessas situações é capacidade de criarmos, assimilarmos em nós o viver em valores que abarquem toda a família humana e que encontre na educação *a essência do fenômeno da recomposição do mundo e de nós mesmos no processo de crescimento* (VINYAMATA, 2005, p. 134) em que ao humano é possível compreender, entender e dialogar aos caminhos de uma cultura da paz que venha a nos unir, nos aproximar e nos acolher de mazelas e pequenez humanas.

Viver os valores na educação sugere:

Uma mudança de consciência que seja fruto de pôr em prática e compartilhar o que queremos, o rumo que desejamos para as coisas. Trata-se de romper com os condicionamentos que limitam nossas possibilidades de melhora, tanto no que não sabemos como naquilo que pensamos ser normal, que tinha seu sentido, mas que hoje perdeu quase por completo, romper com as limitações de algumas de nossas próprias crenças, que são a voz de nossa prática e a orientam, ou seja, entender mais o “porquê” do que fazemos e ter mais claros os valores e princípios que nos guiam (VINYAMATA, 2005, p. 134).

Assim, cabe à educação, enquanto prática, ação e práxis, abrir espaços para que o processo educativo se efetive dentro dessa própria prática já que é

⁷ Iremos abordar sobre tal ponto no cap. III deste estudo, que analisa a Pedagogia do Conflito ao ato educativo.

dinamizada pelos indivíduos em diferentes situações e tempos. A educação em valores, nesse sentido, vem provocar nos indivíduos o discernimento de que é possível a mudança e a melhoria da sociedade, dos seus sujeitos, do seu ativo.

Por isso, é uma tarefa complexa e exige um trabalho coerente, conciso, objetivo, esclarecedor. É quando o papel da Pedagogia se faz ímpar, pois definirá a forma, a maneira pela qual os valores serão articulados com os indivíduos.

Como já nos referimos, não é nossa proposta nos debruçar nesta questão. Contudo, queremos mencionar algumas situações que geram conflitos e que podem se constituir em um ato educativo. Vamos chamá-las de situação **a** (Sa), situação **b** (Sb) e situação **c** (Sc):

(Sa)

Tinha chovido muito toda a noite. Havia enormes poças de água nas partes mais baixas do terreno. Em certos lugares a terra, de tão molhada, tinha virado lama. Às vezes, os pés apenas escorregavam nela. Às vezes, mais do que escorregar, os pés se atolavam na lama até acima dos tornozelos. Era difícil andar. Pedro e Antônio estavam transportando numa camioneta cestos cheios de cacau para o sítio onde deveriam secar. Em certa altura, perceberam que a camioneta não atravessaria o atoleiro que tinham pela frente. Pararam. Desceram da camioneta. Olharam o atoleiro, que era um problema para eles. Atravessaram os dois metros de lama, defendidos por suas botas de cano longo. Sentiram a espessura do lamaçal. Pensaram. Discutiram como resolver o problema. Depois, com a ajuda de algumas pedras e galhos secos de árvores, deram ao terreno a consistência mínima para que as rodas da camioneta passassem sem se atolar. Pedro e Antônio estudaram. Procuraram compreender o problema que tinham a resolver e, em seguida, encontraram uma resposta precisa (FREIRE, 2009, p. 57-58).

(Sb)

O educador nem sempre sabe, nem sempre diz, mas toda noite ele sonha desejo de fazer do *outro*, ele. De fazê-lo próximo de ser como ele próprio e habitar, ainda que abaixo dele, seu modo de vida e sua cultura. De moldá-lo, como um pequeno deus terreno do cotidiano, a sua imagem e semelhança. Portanto, o melhor aluno é aquele em quem o mestre se vê refletido no espelho do outro transformado pela educação. Ainda bem que isso nem sempre funciona, porque até hoje sempre foi pequeno o poder de magia desse deus de escola. O que fazer com 'outro'? O que fazer com o povo? (BRANDÃO, 1984, p. 139)

(Sc)

Um coxo e um cego chegaram à beira de um rio que eram obrigados a atravessar; pois não havia uma ponte e, por isso, não havia outro remédio. Diante da dificuldade inesperada, o coxo disse a seu companheiro de infortúnio:

- Aqui parece que é bem raso, para dizer a verdade, minha única perna não me permitirá cruzá-lo.

Então, o cego disse:

- Eu passaria se pudesse ver, mas, como me falta a vista, tenho muito medo de escorregar e de me afogar nele. O que fazer?

Meu deus, o que fazer?

Na mesma hora, o coxo, reagindo, acrescentou:

- Magnífica idéia a minha! Olha, tuas pernas serão o apoio e minha vista nosso guia. Ajudando-nos mutuamente chegaremos sem dificuldade à outra margem.

De fato, o coxo acomodou-se o melhor que pode nos ombros do cego e assim ambos atingiram felizes a outra margem, chegando à cidade antes do tempo calculado (PÉREZ SERRANO, 2002, p. 127)

Quais os valores implícitos nestas diferentes situações? Para onde se voltam as questões individuais, subjetivas, sociais presente em cada indivíduo que delas participam? Existe uma maneira de medir o que sentem, o que pensam, para onde querem ir a cada situação? Sabemos que o conflito é um elemento necessário à vida humana e que o indivíduo pode encará-lo de maneira construtiva ou não, como positivo ou negativo no sentido de destruição e destituição do *outro*; como mudança de crescimento individual ou coletivo.

Podemos dizer, também, que não há bondade ou maldade no conflito. Ele é um fato que se estabelece em determinado momento por vias que nem conhecemos ou percebemos. O conflito é um processo que acontece de maneira natural nas sociedades, como bem nos fala Vinyamata

O conflito é como uma força natural que, controlada e em sua justa e equilibrada medida, pode desenvolver a natureza, produzir energia e estimular a vida e, por outro lado, quando se apresenta de forma descontrolada, pode alterar os ciclos naturais, destruir e impedir o crescimento da vida (VINYAMATA, 2005, p. 101).

Significa dizer que o conflito que destrói, que mata, que aliena pode gerar o desgaste da vida e à vida. Pode levar aos contravalores universais. É como uma *monocultura da mente que pode se cristalizar em ideologias e valores que justificam e orientam as políticas, as estratégias, as técnicas e os métodos de exploração do mais forte sobre o mais fraco; é uma forma de conduzir a*

devastação da sabedoria milenar que existe na humanidade (SHIVA, 2002, p. 11), em que coloca o valor do *ter* mais sobre o *ser* e sufoca e domina direta ou indiretamente, aquele que apresenta, ainda, uma consciência alienada sobre o todo que o circunda.

Ao contrário, o conflito que constrói e edifica positivamente, que se abre ao entendimento dos grupos, das pessoas, dos seres se eleva diante das atitudes e ações que percorrem o dia-a-dia dos indivíduos, das sociedades. O conflito que é visto de frente à positividade proporciona o desenvolvimento daquilo que é necessário para se educar com o outro de maneira comprometida, não estando submetido a pressões homogeneizadoras que limitam o *saber* e *estar* no mundo.

Assim sendo, diante das situações apresentadas, podemos levar, para que a situação de conflito se encontre ao ato educativo, a afirmação, a negação e a discussão da questão em voga. A discussão ouve a negação com a afirmação quando, dessa discussão, a entendemos como diálogo que busca o entendimento entre ideias e concepções contrárias para edificar o processo que se instaura no conflito enquanto ato educativo. Isso porque acreditamos que é na consciência crítica, no diálogo profícuo, na autonomia, na liberdade e na alteridade que o indivíduo constitui em si as bases sólidas, firmes e coerentes para compreender, assimilar e amparar o seu contrário.

Em consequência, a unidade de construção, de solidez de uma educação em valores se volta ao poder da vontade firme e constante do indivíduo se colocar aberto ao *outro*, na realização de ideias no mundo, no ato que se volta ao conhecimento do bem comum, do bem de todos, do bem a si mesmo. Somos garimpeiros de nós mesmos e temos, no nosso interno, a capacidade de nos transformar em seres humanos melhores, em acolhida e ao lado do maior valor que podemos ter em nós: a Vida! A Vida em suas mais diferentes formas, fases, espaço e tempo.

Ao conflito, a educação em valores está em nossas mãos como caminho para o encontro com o digno de sermos humanos em nós, pois ao descobrirmos e

praticarmos os valores humanos, de humanização ao mundo pode nos abrir, segundo E. Miret Magdalena *para a solidariedade universal e, portanto, para a ajuda mútua. Com isso, podemos ir em frente de um modo satisfatório e alcançar o maior desejo dos seres humanos: ser feliz* (apud VINYAMATA, 2005, p. 132) em igualdade com a serenidade, a transparência, a lucidez e a verdade.

Esse é um dos pontos que nos entusiasma a defendermos o conflito enquanto ato educativo: sermos felizes! O Homem nasceu para ser feliz em todas as suas instâncias. Nasceu para progredir, para crescer, para se juntar ao Bem Maior. Só poderemos fazer isso juntos. Uns com os *outros*. O conflito que leva a educar-nos ampara, elucida e nos torna mais presentes ao mundo verdadeiro, pleno e consciente.